

A pedagógica Guarani Mbya: Uma Sonoridade Comunitária para uma pedagogia Intercultural Biocêntrica¹

JESUS, Silvania F. de²

Resumo

Esse artigo tem o intuito de refletir sobre a cultura do povo indígena Guarani Mbya tendo como foco principal o modo de educar atravessado pela musicalidade. A música ou “*mborai*” que desperta e provoca o olhar e a escuta, dando um recado advindo dos referenciais indígenas no modo de viver, no cuidado com os saberes ancestrais, na reverência aos mais velhos, nos rituais do aprender, podem trazer contribuições para processos de transformação em ambientes educacionais do não indígenas. As muitas pesquisas e registros realizados por antropólogos, especialistas em música e cultura indígena, somando com a experiência da pesquisadora como Assistente Técnica Educacional no CECI Jaraguá são aqui trazidas para ‘sulear’ as reflexões deste trabalho. Também cabe pontuar que o fazer indígena desperta a atenção desta pesquisadora ao trazer a vida para o centro na formação da pessoa.

Palavras-chaves

Ancestralidade; Musicalidade; Educação; Guarani Mbya; Territórios

Introdução

As muitas pesquisas em torno da cultura do povo Guarani Mbya, sobre seu modo de viver, sua bela e boa sabedoria (Arandu Porã), sua cosmovisão, suas itinerâncias pelo território brasileiro, paraguaio, argentino, colombiano, realizadas por antropólogos, historiadores, pesquisadores, alimentam o repertório cultural dos não-indígenas sobre este povo resistente, resiliente desde seu contato com os colonizadores. Este povo que expressa poeticamente e

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático [ST12 – Povos e comunidades Tradicionais: desafios da oralidade.] durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. O trabalho foi realizado com financiamento da agência KLM e bolsa de apoio à pesquisa da Fundação FGLH.

² Universidade de São Paulo. Orientando em PPGHDL-Diversitas/FFLCH na Universidade de São Paulo. E-mail: sylvanya40@gmail.com.

musicalmente seu modo de viver no *Tekoa*, lugar onde acontece o movimento da vida, a formação de cada pessoa Guarani.

A luta pelo território, a busca de uma terra sem mal, provoca a mobilidade, mantendo a cultura, a língua para que ela permaneça viva com encontros e trocas de saberes. Há uma atenção permanente, com muitos rituais de cuidado, para que as *Kyringue kuery*, crianças, cresçam saudáveis, os jovens com sonhos possíveis de realizar, os mais velhos envelhecendo tranquilos passando os saberes ancestrais aos mais novos.

Este trabalho se baseia no encontro com os indígenas Guarani Mbya moradores nas aldeias – *Tekoa kuery* - aos arredores do Pico do Jaraguá, região noroeste de São Paulo, e em diálogo com os *Tekoa kuery* do Tenonde Porã, na região sul, nas proximidades de Parelheiros, também em São Paulo. Um povo que resiste e mantém seu *Mbyarekó* dentro desta grande cidade, com contato direto com os *juruá kuery*, não indígenas, que transitam pelas aldeias em diálogo e ações de apoio à comunidade Guarani que luta por manter seu território neste lugar, nesta montanha, que fora por centenas de anos morada de seus ancestrais.

Também neste território, os Guarani se expalham aos pés da montanha do pico do Jaraguá formando hoje oito núcleos de aldeia (*Tekoa Ytu*, *Tekoa Pyau*, *Tekoa Ytawerá*, *Tekoa Mirim*, *Tekoa Ytakupé*, *Tekoa Ytaendi*, *Tekoa Yvyporã*), onde cada núcleo familiar se apoia. Estes clãs familiares se fortalecem em sua criativa arte milenar de configuração cultural, passando um recado para a sociedade paulistana e para o mundo sobre a existência e resistência indígena em tempos de urbanização intensa e de super-moderidade, numa das maiores cidades da América Latina. Afirmam com altivez que lugar de indígena é em todo lugar, sem submissão colonialista e sem subserviência aos esteriótipos que pretendem silenciar suas culturas e direitos.

O que desperta a atenção desta pesquisadora sobre o povo Guarani Mbya passa pela educação, o modo do povo Guarani educar, formar a pessoa, o sujeito criança, adolescente, jovem e o adulto que juntos se formam. A rede de apoio familiar se constitui de maneira natural, orgânica, sem muitas explicações, roteiros, mas com o fazer junto, com o estar junto. O tempo, o silêncio, as rodas de histórias ao redor do fogo, os encontros na *Opy – Casa de Rezo* - com muita música e dança, a fala do pajé, dos/as mais velhos/as, são maneiras e modos de educar.

Neste contexto, esse trabalho vai se compondo na escuta dos que vieram antes pesquisar o mesmo assunto, estudar, acolher os recados que a cultura do povo Guarani tem para nós, não indígenas, sobre o que é viver em harmonia. Como trazer a vida para o centro do nosso viver,

como aprender a educar usando a sabedoria da mata, da circularidade, da corporeidade, da escuta, da observação e não só das fileiras, da lousa, do giz.

Autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Viveiros de Castro, Graciela Chamorro, as pesquisadoras Valéria Macedo, Elizabeth Pissolato, Adriana Testa vão me ‘sulear’ neste trabalho tão importante por trazer para a academia as reflexões dos povos originários.

1. Espaços de aprender

O primeiro espaço de educação formal, que encontrei no Tekoa Pyau, foi no CECI Jaraguá, construído por *jurua kuery* – não indígenas – ligados ao governo municipal de São Paulo. Este espaço foi pensado, idealizado pelas lideranças dos três Tekoa kuery e construído no ano de 2003 no Tekoa Pyau, no Jaraguá, no Tekoa Krukutu e Tenondé Porã em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo, iniciando o atendimento às crianças em 2004. Segundo pesquisas e documentos que embasam a construção deste equipamento dentro das aldeias, ele surgiu com objetivo de fortalecer a cultura do povo Guarani.

Quando se fala em fortalecer a cultura com este equipamento trata-se de trazer para este espaço educacional as crianças na primeira infância, garantindo a elas a alimentação na hora certa junto com suas mães. Por morarem dentro da cidade, me refiro aqui aos Tekoa kuery do Jaraguá, morando próximo ao Parque Estadual, não tendo direito de acesso a mata, ou para produzir a terra por não ter espaço, as crianças estiveram, por muitos anos, em situação grave de desnutrição, com doenças e mortes precoces.

Neste sentido, o CECI (Centro Educacional de Cultura Indígena Infantil) passa a ser referência dentro dos *Tekoa kuery*, pois o governo começa a investir na educação destas crianças pela cultura e educação, tendo neste espaço apenas educadores indígenas conhecedores do modo de viver do seu povo. É aqui que começa minha pesquisa para escrever este artigo.

No ano de 2015 até início 2017 tive a oportunidade de acompanhar a cultura indígena guarani trabalhando, pela Secretaria da Educação, na mediação dos recursos públicos referentes ao atendimento no CECI. Já conhecia a aldeia desde 2004 como apoiadora de projetos em relação às mães na gestação, às crianças e jovens. Neste segundo momento, com uma função

voltada para a educação, como professora de escola pública, tive um contato mais consistente que possibilitou melhor conhecimento da profunda riqueza cultural, que levo para a vida.

Nas reuniões semanais, compreendi o silêncio que vinha das lideranças guarani, a organização da fala na roda sempre no sentido da direita, anti-horário, para que o sonho, o pensamento não fosse bloqueado, o mesmo sentido da dança dos *xondaros* (guardiões da aldeia). Antes de iniciar a reunião entoava-se um canto, que já haviam cantado na *Opy* na noite anterior. Todos estes acontecimentos para mim soavam como um ritual, como um jeito do povo Guarani se relacionar.

O canto simplesmente encanta, mesmo sem entender uma palavra, a melodia é profunda, intensa, provoca leveza. Curiosa perguntei o significado, o educador apenas diz que é uma invocação e agradecimento a Nhanderu – nosso Pai - por termos a reunião para resolver os problemas e pensar como melhorar os trabalhos e ações no CECI, “como melhorar tudo para as crianças ficarem bem”. Percebo nesta fala que a vida das crianças é o centro, é tudo feito por elas. Elas são a continuação da existência do povo Guarani Mbya e sua cultura no mundo.

Uma das lideranças que cuidava da segurança do espaço, Natalício Karaí de Sousa, hoje trabalhando no “*Museu das Culturas indígenas*”³, relatou no livro “*CECI dez anos de história*”, organizado pela Secretaria Municipal de Educação em 2015 e escrito pelos educadores indígenas que atuavam na época nos Centros de Educação Infantil Indígena (CEIIs),

O mais importante do CECI são as crianças. Nesta aldeia, *Tekoa Pyau*, não tem mais espaço e o único lugar que tem espaço para se preservar os costumes é no CECI. As crianças fazem atividades da nossa cultura é muito bom para elas brincarem. Não temos mais natureza na aldeia, quando eu era criança brincava na mata e hoje não tem mais floresta, rios, peixes, animais, etc. Fico feliz por ter essa escola de educação infantil no CECI e fico feliz por trabalhar e cuidar das crianças. (...) Antes eu saía para trabalhar na cidade e agora eu trabalho no CECI. (...), aqui é nossa vivência, fazemos atividades tradicionais e também comemos bem. (SME, 2015, p.77)

A importância de viver bem, de ter a vida preservada, bem cuidada é um anseio das lideranças guarani para toda a aldeia. As atividades realizadas pelas crianças orientadas pelos educadores/as guarani são permeadas de músicas. É um brincar cantante, com muito entusiasmo, com risos, e a alegria ocupa toda a aldeia. No prédio do CECI eles se reuniam para

³ O Museu das Culturas indígenas em São Paulo foi criado em 2022 e aberto ao público no mês de julho. É uma instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo gerida pela ACAM Portinari (Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari) - Organização Social de Cultura em parceria com o Instituto Maracá, associação sem fins lucrativos que tem como finalidade a proteção, difusão e valorização do patrimônio cultural indígena. (Fonte: <https://museudasculturasindigenas.org.br/> Acesso em 23 de maio/23)

fazer e aprender com os/as educadores/as, mães, as *xejaryi kuery*, o artesanato, enquanto cantavam.

As aulas livres para as crianças fora do espaço do CECI, das salas de aula permitem com que elas sintam a liberdade de aprender sem as exigências da educação formal eurocentrada, que se apresenta como um modelo estranho de educação para os povos originários. Sobre isso uma das educadoras ressalta,

As crianças aqui têm mais liberdade, o CECI não é escola de *Juruá kuery*, por isso, elas ficam livres. Aqui tem crianças de todas as idades e a comunidade de forma geral (...) O CECI é um pedaço da *Opy*, muito importante para nós. (...) Eu considero que a criança aprende mais quando tem aulas livres. (SME, 2015, p.64)

Considerando a fala desta educadora, compreende-se que a aldeia toda é como uma ampla sala de aula ao ar livre, as crianças passam pelo CECI, mas a ‘aula’ mesmo acontece na *Opy*, em suas casas, no pátio, no campinho de futebol de terra, em meio à natureza, na horta, nas oficinas, nas rodas de música e dança, nas brincadeiras tradicionais. A educação, a formação da pessoa, ocorre no fazer livre pela aldeia. As crianças aprendem a observar, respeitar os ensinamentos dos mais velhos, captar a importância da comunidade na vida delas.

A educação é percebida, pelos guarani, como algo integral e integrado, como acontecimento inseparável, em que o corpo aprende, quando passa pela experiência, pelas vivências. As crianças aprendem umas com as outras, pois cada pessoa tem sua singularidade nos núcleos familiares. Como cita Jera, “*entre os Guarani existe uma concepção de que cada pessoa sabe coisas diferentes*”(GALLOIS/MACEDO,2022,p.90).

Há de perceber que esta concepção de saber, de aprendizado compartilhado é postulado e vivenciado na Educação Biocêntrica⁴. A interação entre o corpo e tudo que o faz existir e se expressar livremente, é fundamental para que a vida se expanda em diálogo com todas as vidas, com todas as subjetividades humanas e não-humanas. Como indica Ruth Cavalcante (2015) o ser aprendente “*é corpo-mente-espírito íntimo do universo*”. Ao observar a musicalidade guarani e o corpo presente se expressando no canto e na dança, já não é só um corpo expressando sua arte, seu espetáculo, é um único corpo-coletivo em movimento com tamanha

⁴ A Educação Biocêntrica, em resumo, é uma proposta pedagógica de reformulação de valores culturais, uma educação psíquica e social que se orienta pelo Princípio Biocêntrico e que compreende em si, um conjunto de processos orientadores, formadores, geradores e mantenedores de vida. Os autores que dialogam com as reflexões desta educação feita por Ruth Cavalcante e Cezar Wagner de Lima Góis são Rolando Toro (Biodança), Paulo Freire (Educação Dialógica), Edgar Morin (Pensamento complexo, surgida na década de 80 no Ceará a partir de uma prática realizada por Ruth Cavalcante. (referências bibliográficas)

intensidade e harmonia. Vozes soltando palavras em direção a Nhanderu, exaltando a natureza, agradecendo a existência.

Ruth Cavalcante nos propõe a refletir que

A educação que propomos é biocêntrica, vivencial, dialógica, reflexiva, transdisciplinar, transcultural, transcendente. É amorosa e constituída dos Direitos da Natureza e dos direitos fundamentais do ser humano: direito à vida, direitos humanos, direitos individuais, direitos sociais e direitos culturais. (CAVALCANTE e GÓIS, 2015, P.64)

Os Guarani propõem o educar a pessoa em ambiente interconectado, como transparece nos formuladores da Educação Biocêntrica. Ou seja, os pensadores, idealizadores desta educação se inspiram nos povos originários para propor esta educação que tem como centro a vida, o sujeito. A circularidade, a horizontalidade vivenciada na cultura indígena num processo de conexão com a natureza viva, nos alerta que este é um caminho possível para pensar formas, tempos e espaços para educar.

Pedagógica Guarani Mbya: Sonoridade comunitária

Assim ressalta Deise Montardo, na pesquisa feita sobre a musicalidade Guarani, uma autoconsciência muito consistente: “*Não há possibilidade de vida na Terra, se os Guarani não estiverem cantando e dançando*” (Montardo, 2009, p.13). Essa afirmativa ela ouviu dos três grupos guarani: Mbya, Nhandeva e Kaiowa. E é também percebida por quem acompanha de perto a cultura Guarani. É sem dúvida, um povo musical, com muita poeticidade no uso das palavras. Palavras que têm sua força, sua intenção ao sair pela boca com objetivos certos de transformar o ouvido de quem ouve. Palavra que ultrapassa o registro, pois a prática do bem viver emerge das belas palavras, da poética da oralidade que flui do viver relacional naturalizado, que se constitui de modo orgânico no Mbyareko como sentimento e acontecimento vivencial irrecusável.

O jeito do povo Guarani vivenciar a música em sua cultura sugere um convite e uma entrega, agradecimento e bênção, mística e espiritualidade, onde o embalo pela melodia provocada pelos instrumentos e o canto de mulheres, crianças e jovens, celebra junto com toda a natureza sua existência. Corpo e alma se curam nas rodas musicais na *Opy*. A Natureza é referenciada nas muitas músicas que aparecem em sonhos, inspiradas por *Nhanderu*.

Graciela Chamorro comenta em entrevista para a “Revista do Instituto Humanitas UNISINOS” sobre o que representa a relação dos povos originários com a natureza especificamente no povo Guarani Kayowa. Segundo ela “*as sociedades indígenas, ao contrário, entendem-se como parte da natureza, e a natureza tem para elas características humanas. Elas se reconhecem dependentes dos outros seres que integram a natureza e interagem com eles,*” (CHAMORRO, 2010, p. 3).

O educar e a formação da pessoa na cultura Guarani está voltada, interligada pelo contato direto com a natureza. Isso é um desafio para os indígenas que residem nos Tekoa kuery na cidade de São Paulo, especialmente no território do Jaraguá. O contato com a natureza, como já especificaram lideranças dos tekoa kuery, é muito restrito. Há uma história de muita agressão no ambiente em que vivem, desde a proximidade excessiva de não-indígenas com imensos preconceitos, até as Rodovias, com nomes que consagram os bandeirantes, perseguidores e assassinos dos povos indígenas, como também os bloqueios na utilização do Parque Florestal do Jaraguá. Reforçar a resiliência, a cura do corpo e da alma através da música, da xondaria é o caminho escolhido pelos Guarani Mbya na grande São Paulo.

Considerações finais

Não é fácil ser indígena na cidade grande, manter a cultura, o jeito próprio de educar e formar a pessoa dentro dos costumes e tradições tem sido uma insistência do povo Guarani Mbya. No entanto, é assim que esse povo luta pelo território e convoca apoiadores a estarem juntos/as, a trocarem experiências, a construir juntos relações de troca e conhecimentos.

São muitos os não indígena que transitam pelos Tekoa kuery como apoiadores e admiradores da cultura. São todos bem acolhidos pelos Guarani que aproveitam para potencializar a cultura no contato com os não indígena. São desenvolvidos projetos interculturais com escolas do entorno, com faculdades, projetos sociais. Cada núcleo familiar se organiza no intuito de fortalecer as práticas tradicionais com diálogo interno e externo.

A pedagógica Guarani Mbya é fortalecida pelas relações que eles mantêm no território, com os parentes de outros tekoas, nas trocas de aprendizado, no vínculo intenso com a natureza, proporcionando às crianças mesmo morando na cidade grande, aprendem primeiro a falar o guarani com seu núcleo familiar e depois o português. A língua que se fortalece com as canções ancestrais cantadas na casa de reza e em outros espaços do tekoa. Os corais que vão a outros espaços mostrar aos não-indígenas seu belo canto faz parte da formação das crianças.

Assim, os Guarani Mbya se afirmam na cultura, assumindo a luta pelo território, contra as diferentes violências provocadas por alguns não-indígenas que ainda desconhecem e ignoram seus direitos. Este trabalho traz reflexões sobre a comunidade guarani do território do Jaraguá que provoca a população dando o grito de que “O jaraguá é Guarani”. Este grito de guerra dos xondaros quando se pintam, cantam e preparam suas armas, a palavra certa para seguir na luta por existência e reexistência.

Referências

CAVALCANTE, Ruth. GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Educação Biocêntrica: ciência, arte, mística, amor e transformação**. Editora Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza, 2015.

CHAMORRO, Graciela. **Uma trajetória marcada pela Palavra**. Entrevista realizada por Patricia Fachin, Revista do Instituto Humanitas UNISINOS. EDIÇÃO 331/31 MAI 2010. Fonte: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3246-graciela-chamorro-1> Acesso em maio/23.

CLASTRES, P. **A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani**. Campinas-SP: Papirus, 1990.

MONTARDO, D. L. O. **Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani**. (2002). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2ª Edição. São Paulo, 2009.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. CECI: 10 anos de história. - SME/DOT, São Paulo, 2015.